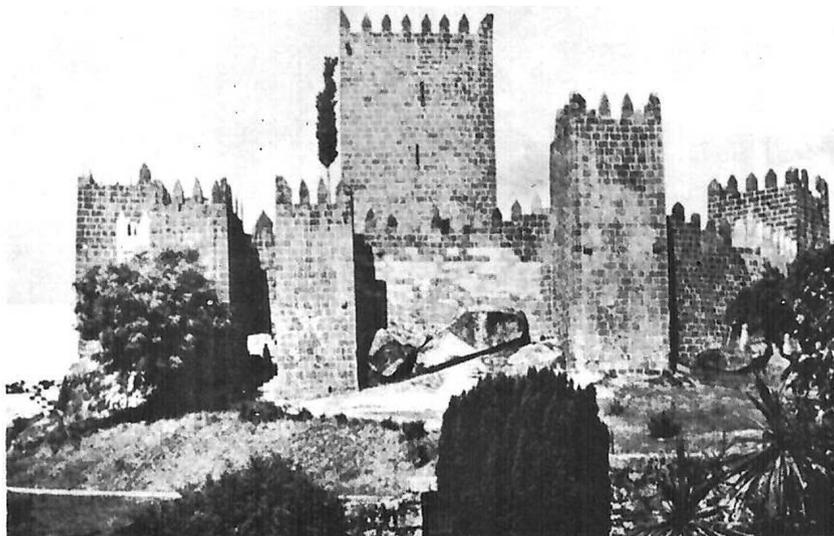


## ARTIGOS

# Castelos de Portugal: uma herança preservada

MARGARIDA SÁ BORGES

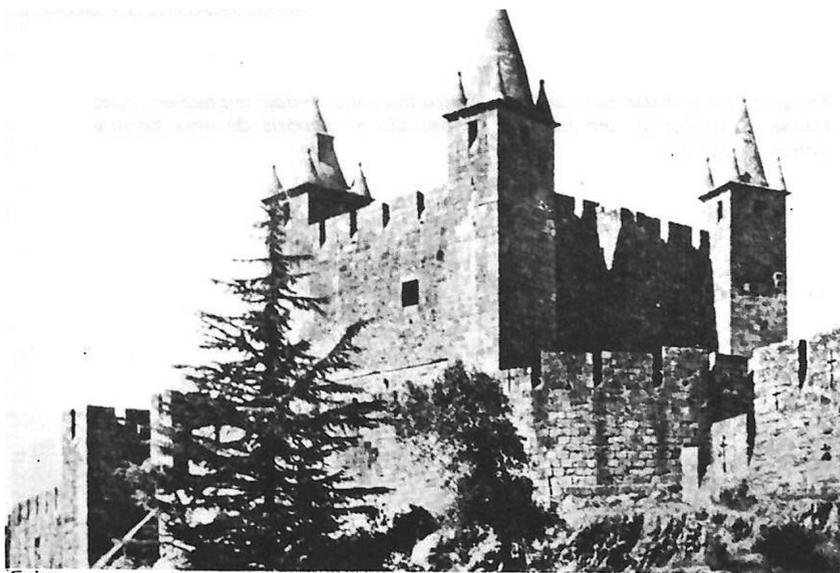
*Atingidos pelas balas dos canhões, destruídos pelo tempo implacável, esses grandes símbolos de um passado remoto são a memória de uma história violenta e gloriosa.*



Guimarães

NO ANO de 1127, durante as guerras que levaram à unificação de Portugal como país soberano e independente, o rei de Leão e Castela, Afonso VII, sitiou o castelo de Guimarães, para obrigar D. Afonso Henriques, o fundador da nacionalidade, a devolver as terras que dizia roubadas de sua mãe, D. Teresa. O cerco foi levantado quando Afonso Henriques enviou como emissário Egas Moniz, que jurou ao rei, em seu nome, que as terras seriam devolvidas. Mas uma vez concretizado o levante, Afonso Henriques não cumpriu o prometido. Egas Moniz, então, apresentou-se ao rei castelhano acompanhado de toda a sua família e de seus servos, levando ao pescoço o barão dos condenados. Estava pronto a pagar pela quebra de promessa de seu soberano. Afonso VII, impressionado com sua honestidade, mandou-o em paz.

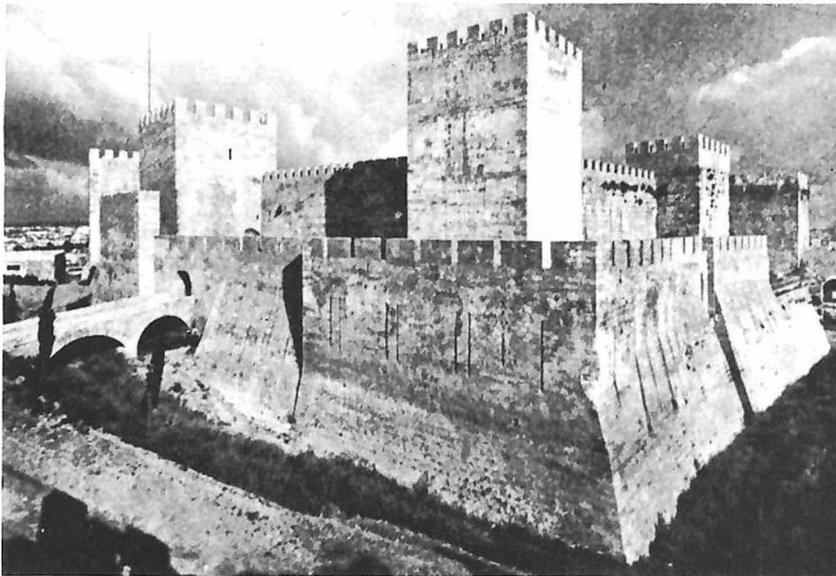
Se hoje Egas Moniz retornasse diante dos velhos muros do castelo de Guimarães, poderia verificar que ali os séculos não passaram. O castelo está em perfeito estado de conservação, assim como muitos dos 134 castelos portugueses ainda existentes. Portugal orgulha-se de sua herança histórica imensamente rica, da qual os castelos são testemunho vivo e seu melhor símbolo.



Feira

Em Portugal, um dos países da Europa que mais fortificações conserva, a construção dos castelos ligou-se sobretudo às guerras da Reconquista cristã contra os mouros, do século X ao século XII. Mouros e cristãos edificaram e restauraram sucessivamente baluartes de defesa. O Minho era defendido por castelos em Guimarães e Lanhoso. A Alta Estremadura, por Leiria, Óbidos, Porto de Mós, Tomar. O vale do Tejo, por Avis, Estremoz, Montemor, Évora, Elvas, Beja, entre outros. Depois que se acabaram as correrias pela península

dos sarracenos, expulsos por D. Afonso Henriques, os castelos tomaram-se uma proteção necessária contra a hostilidade dos vizinhos leoneses e castelhanos. Pacificado o reino, continuaram a merecer a atenção dos governantes. D. Diniz, D. Fernando e D. João I introduziram neles muitas modificações e, nos séculos XIV e XV construíram-se outros apenas para residência, enquanto também se adaptaram algumas cidadelas para habitação.



Castelo de Lisboa

Muitos há que só perduram pelo nome; outros estão desfigurados, e outros ainda são uma confusa mistura de estilos sobrepostos. Há *castros* romano-lusitanos antiquíssimos (Castro Laboreiro, Numão); há castelos de origem medieval (Almourol, Guimarães, Leiria, Lisboa, Vila Viçosa) e outros já da idade moderna (Óbidos, Pombal, Setúbal). Existem ainda vilas antigas chamadas Castelos, que devem ter sido originadas por eles, e que conservam cinturas de muralhas, como Castelo Mendo e Castelo Rodrigo.

Muitas lendas e fatos históricos estão ligados aos castelos. Guimarães foi o berço da nacionalidade, e testemunha dos primeiros atos que conduziram à independência de Portugal. Neste castelo nasceu D. Afonso Henriques, verdadeiro chefe guerrilheiro. Sua construção remonta aos tempos da invasão normanda, em 996, quando a condessa Mumadona mandou erguer uma torre para proteção do mosteiro do Salvador do Mundo, erguido também por sua ordem. Essa torre, que se chamou de S. Mamede, tornou-se de menagem quando, no governo do conde D. Henrique, a fortificaram com muralhas e torres formando um castelo, que é um dos mais completos exemplares da arquitetura militar do século XII, e cuja planta tem a forma de um escudo. A nascente do castelo alarga-se o campo onde as tropas de Afonso Henriques

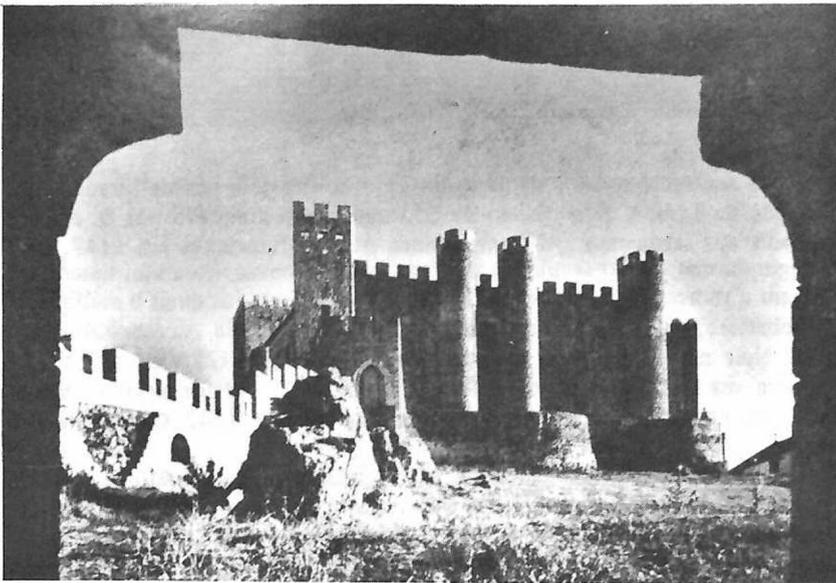
venceram finalmente as da rainha D. Teresa, em 1128. As muralhas defensivas da vila, erguidas por D. Dinis, eram ligadas transversalmente, e a vila tinha nove portas. Numas das portas os edis recebiam os reis e entregavam-lhes as chaves da vila — algumas das quais, obras de arte em metal dourado, encontram-se guardadas no museu da Sociedade Martins Sarmento. Perto do castelo está o monumento a D. Afonso Henriques, imponente estátua de bronze da autoria de Soares dos Reis, que mostra o primeiro rei português preparado para a batalha.



Tomar

Mais para o sul, em lugar então ermo e desabitado, no verde vale que o Lis e o Lena regam, ergue-se o castelo de Leiria, mandado construir por Afonso Henriques dentro do plano estratégico da reconquista. Complexa edificação militar, civil e religiosa, era o principal baluarte de defesa de Coimbra, ao sul do castelo de Soure, e centro de grande atividade militar. Foi seu alcaide Paio Guterres, único homem a escapar com vida de toda a valorosa guarnição do castelo, quando os mouros o retomaram. Destruído e reconstruído várias vezes, nos seus paços reais viveram D. Dinis e a rainha Santa Isabel, famosa pelo “milagre das rosas”. El-rei D. João III deu a alcaidaria do castelo ao marquês de Vila Real, que foi seu alcaide até 1641, quando foi executado por ter tomado o partido dos castelhanos nas guerras da Restauração, que opuseram os portugueses aos espanhóis. O conjunto de edifícios atual, embora pitoresco, nada tem com a primitiva construção; dá mais a idéia de uma vivenda nobre, mais moradia de recreio de reis do que sólida alcáçova. Junto à porta de entrada vê-se ainda uma inscrição com as armas de Portugal e de Aragão, que deve datar de 1324.

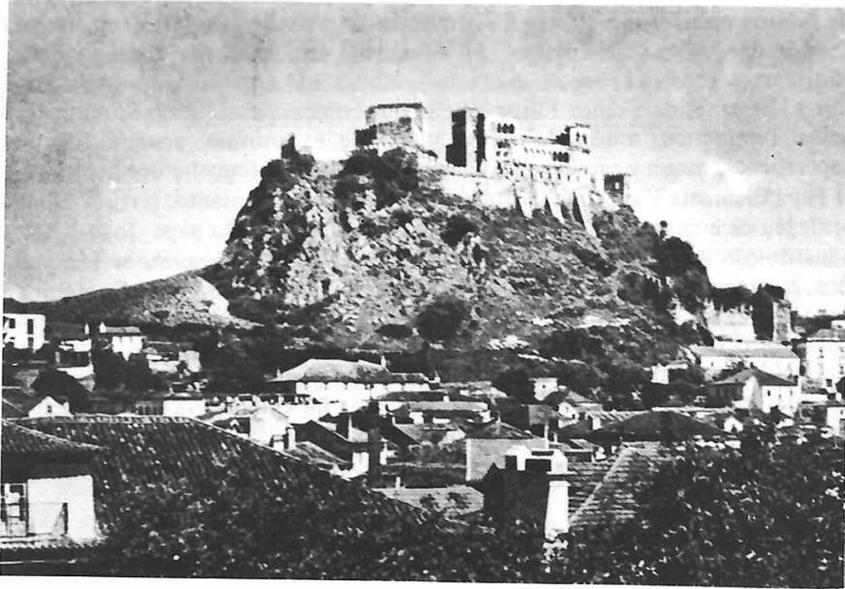
Ainda mais ao sul, a cidade de Tomar (nome que os árabes davam ao rio Nabão, que atravessa a cidade) nasceu e desenvolveu-se sob a proteção da fortaleza construída por D. Gualdim Paes, famoso mestre da Ordem dos Templários, frades guerreiros dedicados à expulsão dos mouros do solo da península ibérica. Os Templários estão profundamente ligados à construção de muitos castelos em Portugal. O Castelo de Tomar, construído em terras doadas por Afonso Henriques, foi assediado em 1190 por Iacub, rei de Marrocos, e conseguiu repelir o ataque, embora a vila tivesse sido devastada. Em 1314, o rei da França Filipe o Belo, que cobiçava as riquezas acumuladas pelos Templários, moveu-lhes uma guerra de extermínio, acusando-os de superstições, magia e sacrilégios, queimando muitos na fogueira dos heréticos. O Papa Clemente V suprimiu a Ordem. Em Portugal, no entanto, o rei D. Dinis protegeu-os e conseguiu, em 1319, por meio de uma bula do papa João XXII, a instituição da Ordem de Cavalaria de Cristo, à qual incorporou os Templários. A Ordem mudou a sua sede principal para Castro Marim, terra fronteiriça do Algarve; em 1356, a sede voltou a ser Tomar. Foi seu governador e administrador o Infante D. Henrique. Assim, se a Ordem dos Templários ajudou a reconquista, a Ordem de Cristo representou um papel essencial nas descobertas marítimas. As caravelas levavam o emblema da Ordem — a cruz vermelha vasada em branco, que ficou conhecida como Cruz de Cristo.



Óbidos

Ligado ao castelo, construiu-se o famoso convento de Cristo, onde a arquitetura portuguesa atingiu um dos mais altos cumes da sua estranha originalidade e beleza. Nota-se a influência das navegações na arte manuelina, particularmente na obra do arquiteto João de Castilho, do tempo do rei D. João III, a quem também se devem o mosteiro dos Jerônimos e a torre de

Belém, em Lisboa. A famosa janela da Sala do Capítulo dá a impressão de decorar um palácio submarino. As cordagens, as algas, a esfera armilar e a Cruz de Cristo recordam as navegações. Nesta janela, o talento do escultor faz cantar a pedra.



Leiria

De sentinela sobre o estuário do Tejo, um castelo guarda serenamente a cidade de Lisboa. É o castelo de S. Jorge, assim nomeado por D. João I. Tomado aos sarracenos pelo onipresente Afonso Henriques em 1147, data da segunda metade do século X; no Paço das Alcáçovas moraram, nasceram, casaram e morreram muitos reis de Portugal, o último dos quais o malfadado D. Sebastião, que desapareceu na batalha desastrosa de Alcácer-Kibir, em 1578. Nele nasceu o teatro português, pois foi ali que Gil Vicente leu pela primeira vez o “Monólogo do Vaqueiro”, em 1502. Aí foi recebido Vasco da Gama, de volta de sua viagem à Índia. Por volta de 1542, Camões tê-lo-á porventura frequentado.

Uma das suas portas lembra o feito lendário de Martim Moniz, um dos capitães de Afonso Henriques, que no assalto à cidade se sacrificou, atravessando-se na porta para que os que o seguiam pudessem entrar na cidade. Sobre essa porta há uma lápide comemorativa. Uma das torres é conhecida como “torre de Ulisses”, lembrando o lendário fundador de Olissipo, que conhecemos hoje com o nome de Lisboa; outra era a Torre do Tombo, onde estiveram guardados os documentos do reino até 1755, quando após o terremoto que abalou e destruiu em grande parte Lisboa, foram transportados para o que é atualmente o palácio de S. Bento, sede da atual Assembléia da República. Do alto do castelo de S. Jorge, a vista abrange praticamente toda Lisboa, nos seus tons verdes, brancos e rosa, com o azul do Tejo e a tranquili-

dade do Mar da Palha a seus pés. Lá está também de guarda Afonso Henriques, numa réplica da estátua que se encontra em Guimarães, velando contra o invasor, pronto a combatê-lo.

Outro castelo de rara beleza é o de Almourol, velha fortaleza dos Templários, evocadora de páginas de sangue e heroísmo. Elevando-se numa ilha de vegetação luxuriante nas águas do Tejo, próximo da foz do rio Zêzere, a sua situação e a sua arquitetura o colocam entre os mais belos da Europa, verdadeiro castelo de fadas; as lendas sobre o gigante Almourol chegaram a constituir o centro de uma epopéia medieval, disseminada pelos livros de cavalaria e contos populares, como o “Palmeirim de Inglaterra”, que o põem a par, em prestígio romântico, com os velhos castelos lendários do Reno. Sua origem é romana e foi reedificado e ampliado em 1171 por Gualdim Paes, que tomara parte nas Cruzadas e conhecia bem os trabalhos de fortalezas militares dos arquitetos europeus. Uma das lendas existentes sobre o castelo é a do rapto das princesas Polinarda e Misanguarda; outra refere os amores de D. Beatriz, filha do alcaide D. Ramiro, com um escravo árabe, com o qual fugiu num bated; diz-se que nas noites de S. João aparecem os vultos enlaçados dos dois amantes, sobre as ameias do castelo.



Almourol

Do castelo de Penela conta a lenda que, numa manhã, tendo os mouros saído para apascentar o gado, os cristãos subiram pela encosta e irromperam de repente pela porta da Traição, que ficara aberta. O comandante, já na praça, bradava para animar os que o seguiam: “Coragem! Que já estamos com o pé nela!” E daí lhe veio o nome do Castelo de Penela.

Nunca é possível esquecer o ato de lealdade que a tradição atribui a

Martim de Freitas, o célebre alcaide do castelo de Coimbra. Sabento da notícia da morte do rei, só entregou a praça aos sitiantes depois de ter ido pessoalmente a Toledo, com um salvo-conduto, certificar-se da verdade com seus próprios olhos, e depôr nas frias mãos do rei D. Sancho II as chaves do castelo, para só depois entregá-las a D. Afonso III, que chefiava o cerco.

Alguns castelos, depois de restaurados, foram, à semelhança do que aconteceu com os castelos espanhóis, transformados em pousadas. Entre estes está o de Óbidos, dentro da linda vila-museu, inteiramente cercada de muralhas. Também o de S. Filipe, sobranceiro à cidade de Setúbal, é atualmente uma pousada. No Alentejo, perto da fronteira espanhola, o castelo de Estremoz foi transformado na Pousada da Rainha Santa Isabel. A vila de Estremoz, majestosamente branca e nobre, eleva-se enquadrada pelas muralhas e baluartes do tempo de Afonso VI, e coroada pela esbelta silhueta medieval da torre de menagem. O castelo, edificado em 1258, é um soberbo exemplar, com as suas ameias terminadas em pirâmides, varandas e frestas ogivais. Ao redor é a antiga cidadela, de cujas muralhas romano-góticas se conservam duas formosas portas militares. À sombra da poderosa torre abriga-se o casario humilde do Bairro do Castelo, com suas vielas medievais. Junto, há os restos do palácio real fundado por D. Dinis, reconstruído por D. João V. Diz-se que ali morreu a rainha Santa Isabel. De Estremoz partiu D. Nuno Álvares Pereira, o Santo Condestável, para a batalha de Valverde. Também dali partiram os exércitos para as guerras da Restauração, em 1640. Saqueada pelos franceses durante as invasões napoleônicas, foi reconstruída por D. João VI. Durante as lutas liberais, a maioria da população era partidária de D. Miguel, e em 1826 a guarnição local revoltou-se contra a Carta Constituinte. Em 1833, foram ali barbaramente assassinados 39 liberais presos nas casamatas do castelo. Hoje, os viajantes e turistas dispõem ali de uma ótima pousada, famosa pelo conforto e pela cozinha deliciosa, considerada das melhores de Portugal.

A restauração e aproveitamento dos castelos obedeceu a uma idéia de preservação dos valores culturais e incremento do turismo. As pousadas construídas em aproveitamento de ruínas ou partes de castelos procuraram preservar o traçado e o estilo originais, e disfarçar ao máximo a presença neles dos elementos necessários ao conforto moderno.

Muitos castelos sofreram danos durante guerras ou catástrofes naturais; o próprio castelo de Guimarães, marca fundamental da história portuguesa, esteve para ser totalmente demolido no século passado, e as suas pedras utilizadas para pavimentação de estradas. Felizmente, esse perigo desapareceu. E hoje as velhas pedras dos castelos foram cuidadosa e reverentemente recolocadas em seus lugares.